

Índice

Regime chinês mostra a cenoura às famílias: “Tenham mais filhos”.....	1
Putin lança uma ofensiva contra a cultura ucraniana	2
“Refugiados, migrantes e integración”	4
“Dear Evan Hansen”	5

Regime chinês mostra a cenoura às famílias: “Tenham mais filhos”

Os chineses são muitos, sim, 1411 milhões (quase 20 % dos habitantes do planeta), mas não são tantos como eles gostariam – ou necessitariam – ser. Para manter em pleno rendimento a “fábrica do mundo” precisam de força jovem, e isso existe cada vez menos, devido aos insuficientes níveis de imigração e à sustentada queda da natalidade.

De acordo com dados do censo local, [em 2019](#) nasceram 14,6 milhões de bebés; em 2020, 12 milhões e, em 2021, foram 10,6 milhões. A natalidade não aumenta realmente desde 2016, razão pela qual o regime foi anulando uma a uma as restrições impostas há décadas às famílias sobre o número de descendentes permitidos.

Primeiro, [em 2013](#), parou com a “política do filho único” (1980), devido à qual mais de 300 milhões de mulheres foram [obrigadas a abortar](#), 108 milhões foram [esterilizadas](#) e 13 milhões de crianças “ilegais” [ficaram à margem](#) de coberturas sociais imprescindíveis.

A “retificação” dos últimos anos, com uma campanha destinada a encorajar os casais a terem um segundo filho, não foi, no entanto, a panaceia (41 % dos nascidos em 2021 são segundos filhos), pelo que o regime continuou a envolver-se e pediu aos pais que avancem para um terceiro filho. Já em 2021, [havia anunciado medidas de apoio](#) aos casais que tivessem descendência ou a ampliassem: haveria desagravamentos fiscais nos

gastos relacionados com a criação dos menores de três anos, seria implementado um serviço acessível de creches, haveria vantagens na aquisição ou aluguer de habitações, etc.

Como os resultados continuam a fazer-se esperar, em meados de agosto do ano passado, as autoridades voltaram a mostrar a cenoura: os governos de 17 departamentos do país publicaram [um documento com várias promessas](#), como a promoção da assistência sanitária pré-parto e pós-parto, o aumento do período de baixa de maternidade, a proteção dos direitos laborais da mulher, as ajudas na habitação ou para minimizar os custos da educação, e a criação de um ambiente *family-friendly* no trabalho.

O súbito apreço dos altos funcionários chineses pela conciliação entre os horários laborais e a vida familiar choca com um problema: o costume. Como “na boca do mentiroso, o certo se torna duvidoso”, o evidente desrespeito por determinados padrões de bem-estar no mundo empresarial chinês penetrou em parte dos jovens, pelo que não se perspetiva que venham a ter acesso a uma sólida rede de apoio, de modo a virem a lidar com os problemas económicos e de tempo que acarreta a paternidade.

Uma equipa de investigadores de várias universidades chinesas publicou em agosto de 2022 um [relatório](#) sobre as intenções dos estudantes universitários de terem filhos, num contexto em que são encorajados a ter três. Entrevistaram-se 6680 estudantes masculinos e femininos dos 18 aos 28 anos sobre as suas principais preocupações relativas à procriação.

Entre as respostas verificou-se, com efeito, o receio de não poder conciliar o trabalho e a vida familiar. Este é, efetivamente,

o fator mais dissuasório: 42,2 % dos homens e 44,3 % das mulheres encaram-no assim. E a seguir a esse fator? Os custos económicos: quase 29 % dos homens disseram estar preocupados com os gastos associados à paternidade, contra 15 % das mulheres. E existem outros receios: para 35 % delas, o processo do parto é o aspeto que mais receiam na maternidade; para 19,7 % é a fragilidade da saúde do bebé, enquanto que 18 % não querem arriscar-se às complicações de saúde que como grávidas possam sofrer.

Para concluir: somente uma pequena percentagem dos participantes masculinos (2,8 %) e femininos (1,6 %) consideraram a possibilidade de ter três filhos. “Em conjunto” – salienta o relatório –, “40,3 % desejavam ter dois filhos, havendo maior percentagem entre os homens (46,5 %) do que entre as mulheres (36,2 %). Uma percentagem substancial (26,6 %) indicou não desejar formar uma família ou não desejar ter filhos no futuro”.

As iniciativas pró-maternidade do governo chinês podem ser muito boas, mas Pequim pode estar à espera de um comboio que não vai passar: não existem tantos indivíduos em idade de procriar de modo a reverter a tendência.

Não existem jovens. Aqueles que hoje têm entre 20 e 35 anos nasceram em pleno apogeu da “política do filho único”: em 1985, nasceram 22,6 milhões de bebés e, no ano 2000, 14 milhões (já com a taxa de fecundidade em 1,6 filhos por mulher). É possível estimular com programas e subsídios os que existem, mas isto não aumentará o número de progenitores reais ou potenciais.

Mais concretamente: há menos mulheres em idade reprodutiva agora do que em 2010. Na altura, eram 379 milhões as que figuravam [no grupo dos 15 aos 49 anos](#), e hoje são 332 milhões. Mas, além disso, há menos mulheres em geral. Segundo dados do Banco Mundial, [em 2020](#) elas constituíam 48,7 % da população chinesa, contra 51 % de homens.

É o desequilíbrio que provocaram as antigas restrições impostas pelo governo. Ao abrigo da “política do filho único” era “compreensível” que os casais, obrigados a ter um único filho, dessem prioridade ao do sexo masculino, pois, além de a este se abrirem muito mais possibilidades de ascensão social, a tradição (na sua maior parte em áreas rurais, e até 2010 a maioria da população [vivia nessas zonas](#)) indicava que, uma vez casados, fosse a mulher que deveria mudar para casa dos seus sogros ou para as proximidades desta, e não o contrário, pelo que a possibilidade de ficarem sozinhos na velhice era mais atenuada para os progenitores do homem.

Por último, é de destacar o que alguns investigadores qualificam de “epidemia de infertilidade”. Segundo um [estudo](#) efetuado pela Dra. Qiao Jie, vice-presidente da Universidade de Pequim, a taxa de infertilidade dos casais chineses em idade de procriar, passou de 12 % em 2007, para 18 % em 2020.

Entre os fatores que possibilitam esta tendência, a especialista inclui a exposição a determinados ambientes, as anomalias

cromossómicas, os estilos de vida, e... a idade. O Dr. Li Yang, diretor de Saúde Reprodutiva no Amcare Women’s & Children’s Hospital em Pequim, salienta que ao longo dos últimos dois anos [aumentou “drasticamente”](#) o número de casais que acorrem em busca de ajuda, e que a média etária destes é de 36 anos. Por isso, considera que a “política do terceiro filho” provocará um inevitável aumento de casos, pois os casais que tomam a decisão do terceiro filho chegam a esse momento, logicamente, ainda mais velhos.

Menos mulheres do que homens, população jovem a diminuir, reticências à maternidade, infertilidade a subir... Tudo o que podia correr mal, correu mal, graças à brutal intromissão do regime em decisões exclusivas das famílias.

Talvez vá sendo hora de deixá-las em paz.

L. L.

Putin lança uma ofensiva contra a cultura ucraniana

Que os exércitos de dois países vizinhos se lançassem com entusiasmo no campo de batalha e arremetessem além disso contra a população civil, foi tradição durante séculos. As modernas convenções internacionais que tentam “regular” a guerra dispõem, pelo contrário, que os adversários se abstenham de atacar as áreas civis. Por isso, o facto dos mísseis russos caírem [sobre habitações, hospitais e escolas](#) da Ucrânia, mas também sobre os seus museus, teatros e bibliotecas, inverte o movimento da história. Não há regras, como antes.

A UNESCO elaborou uma lista – que atualiza periodicamente – com os bens culturais ucranianos que sofreram danos severos desde o início da invasão. Até 12 de setembro do ano passado, a organização internacional tinha notícias de ataques russos contra 80 edifícios religiosos, 13 museus, 36 edifícios históricos, 10 bibliotecas, 33 centros culturais...

O sítio [Destroyed Cultural Heritage of Ukraine](#) avança nomes concretos para esses números. Por exemplo, a 14 de março do ano passado, os russos atacaram um cemitério dos séculos IX-XII em Zhytomyr (noroeste) e danificaram alguns sítios de enterramento. No mesmo mês, em Chernigov (nordeste), a metralha impactou as paredes e a porta do campanário do mosteiro de Yelets (século XI), assim como as cúpulas da Catedral da Assunção (século XII). Também caíram bombas sobre a casa do século XVIII onde viveu e morreu o filósofo,

poeta e compositor Gregory Skovoroda, em Karkov (nordeste), e as chamas consumiram-na.

A grande destruição que efetuam os caças e os mísseis lançados a partir do Mar Negro é concluída ao nível da rua pelos soldados. Foram eles que destruíram o monumento em memória do barítono Vasyl Slipak, assassinado no Donbass em 2016 por um franco-atirador russo, e aqueles que desmontaram a escultura de Petro Sagaidachny, um cossaco que deu muitas dores de cabeça ao czar no início do século XVII, e os que lançaram fogo a toda a coleção da biblioteca de uma igreja de Mariupol...

A casa de um poeta, determinada catedral, determinados livros, várias estátuas derrubadas, os tesouros roubados... terão alguma importância tendo em conta as dezenas de milhares de vítimas causadas pela invasão? Não vale a pena fazer comparações: importam, porque são peças imprescindíveis no *puzzle* da identidade nacional. Se tivessem pouca importância, por que motivo a Rússia os atacaria?

Os símbolos, que abundam na cultura dos povos, podem ser pontos de encontro e de fortaleza. Com a sua destruição, as forças agressoras procuram fazer vacilar as certezas e a confiança em si própria da nação agredida.

Johan Brosché *et al.* (2016) exemplifica-o com o sucedido nos anos 90 do século XX durante a guerra da Bósnia: “Os edifícios de valor simbólico, especialmente os minaretes, não só foram baleados ou queimados, como inclusivamente foram arrasados, com o objetivo de diminuir os incentivos para os bósnios regressarem à sua localidade após o final do conflito”.

Também cita o ataque do exército croata à ponte de Mostar, em novembro de 1993: a cidade e “especialmente a ponte” simbolizavam “uma sociedade multiétnica e multirreligiosa que vivia em paz”. O seu derrube, uma verdadeira tragédia para a comunidade, implicava o fim da convivência de bósnios e croatas, e era uma forma de semear o desespero: a única “saída” era abandonar tudo nas mãos do atacante, o qual se encarregaria de fazer novas regras, novos símbolos e uma única identidade.

É sobre isto precisamente que alerta, em relação à Ucrânia, o diretor do Centro do Património Mundial da UNESCO, Lazare Eloundou Assomo, numa entrevista a [“Politico”](#): “Estamos muito preocupados, porque a Ucrânia está a perder não só uma parte importante do seu património cultural, como também a sua identidade. Um pedaço de si próprios e um pedaço de história vão desaparecer se a guerra prosseguir”.

Esse é precisamente o objetivo nada dissimulado do Kremlin, e não apenas desde 24 de fevereiro de 2022, dia inicial da invasão: para os hierarcas russos, a Ucrânia nunca deixou de ser um quarto da casa. Em 2008, numa cimeira da NATO na qual participaram Vladimir Putin e o presidente norte-americano George W. Bush, quando se falou da possível integração de Kiev na NATO, [o russo atirou](#): “George, que Ucrânia? Nem sequer é um Estado! O que é a Ucrânia? Parte do seu território

é Europa de Leste, e parte, uma parte significativa, demo-la nós!”.

A afirmação, todavia, não era originalmente de Putin: primeiro para os czares e depois para os bolcheviques, o conceito de Ucrânia como país tratou-se de uma invenção do império austro-húngaro. Para Moscovo, o território era – é – a [“pequena Rússia”](#), pelo que tudo o que cheire a independência, a nação, pode – deve – ser apagado, sem reparar demasiado no seu valor cultural. Assim, dirão lá, Putin “faz bem” ao entrar no museu com um machado.

A recorrente aspiração anexionista, que não foi desativada nem na fase mais democrática que teve o país – nos anos 90 do século passado, [vários assessores](#) do presidente Boris Ieltsin pediram-lhe que “revogasse” a independência da Ucrânia, ou que pelo menos recuperasse a Península da Crimeia –, induz a que se afaste a existência de casualidades ou danos “não intencionais” aos bens culturais na presente guerra.

Comenta à [“Aceprensa”](#) uma fonte do Ministério da Cultura ucraniano: “A Rússia escolhe conscientemente os seus objetivos de modo a conseguir o seu propósito principal: destruir os centros da cultura ucraniana. Os invasores procuram minar assim a identidade e a memória histórica do nosso povo”.

Restaria sempre a esperança de que, à margem do roubo e da destruição causados pelo exército, nas elites oficialistas da cultura russa houvesse pessoas mais sensíveis ao tema, mas se a posição oficial é que do outro lado há, simplesmente, “nazis”, não existem considerações que valham: a pilhagem está justificada.

Foi o sucedido com um [torso dos citas](#) do século III a. C., de enorme valor, que os ocupantes confiscaram. Segundo Evgueny Gorchachev, nomeado pelo Kremlin como diretor do museu de Donetsk, joias como esta têm “um grande valor cultural” não só para os ucranianos, como para “toda a antiga União Soviética”, o que deixa entrever que o Kremlin, que hoje atua no modo *soviético*, dificilmente acederá a devolvê-lo.

Segundo afirma o Ministério ucraniano, existem mais casos de roubo de bens museológicos, mas ainda é difícil obter informação completa sobre eles nos territórios ocupados, embora a polícia já tenha aberto investigações onde foi possível. Mas colaboração das autoridades culturais russas, nenhuma.

Dizem em Kiev: “Não estamos a negociar com o país agressor, nem muito menos reconhecemos os poderes fantoches que este impôs nas zonas ocupadas. As autoridades russas violaram cinicamente todos os acordos internacionais na área da proteção do património cultural. Por isso, como invasora, a Rússia prestará contas das suas ações nos tribunais internacionais”.

Esperando que chegue esse momento – se chegar –, os ucranianos já começaram a reconstruir alguns dos sítios danificados. Segundo nos comenta a fonte do Ministério da

Cultura, foi aberto um fundo para restaurar a casa do filósofo Ivan Skovoroda, em Karkov, e já há acordos com vários países ocidentais que asseguraram a sua contribuição.

“Não podemos esperar que acabe a guerra”, afirma. “Começámos a trabalhar na restauração do património a partir deste momento, e tem vindo a existir um diálogo constante entre os patrocinadores internacionais, as nossas comunidades e o governo”.

Tão importante como restaurar prontamente é prever que ocorra o dano. Por isso, os ucranianos estão a tirar grande parte do património dos museus das zonas mais perigosas. Preferem, contudo, que o destino temporário das obras seja um lugar secreto dentro das fronteiras nacionais, pois receiam que, se saírem para outros países, possam surgir problemas legais no momento de reclamar a sua devolução.

Quanto a iniciativas solidárias, várias instituições de países vizinhos estão a dar uma mão. De Polónia, Alemanha, Suíça, etc., chega todo o tipo de materiais para conservar os sítios e bens de interesse artístico. É enviado material de embalagem para proteger pinturas e esculturas, extintores, motosserras, pintura à prova de fogo, para afastar o risco da devastação por fogo. Isto [agradecem imenso](#), por exemplo, os encarregados por velar pelas igrejas de madeira do oeste do país, incluídas na Lista do Património Mundial da UNESCO.

Porque, com efeito, são – à vista – objetos. Coisas. Matéria muda, inanimada... Mas para os ucranianos são raízes, e dão a sua vida na sua proteção.

A [Convenção de Haia](#) para a Proteção dos bens culturais em caso de guerra, de 1954, obrigou as partes subscritoras – e a Rússia é uma delas – a proibir ou evitar o roubo, o saque ou o confisco dos bens culturais de outros países em caso de conflito.

Posteriormente, em 1998, o Tribunal Penal Internacional definiu os ataques intencionais contra instituições ou monumentos religiosos e culturais como crimes de guerra. Em 2016, [foi julgado pela primeira vez](#) um indivíduo – um terrorista islamista – devido a um caso deste tipo: a destruição causada na histórica cidade de Tombuctu, no Mali. “Não existe património mundial. Isso não existe. Os infiéis não têm de se meter nos nossos assuntos”, afirmou.

Foi condenado a nove anos de prisão.

L. L.

“Refugiados, migrantes e integração”

Autor: Jürgen Habermas
Tecnos. Madrid
(2022)
124 págs.

Um filósofo deve ser avaliado não tanto pelas respostas, como pela capacidade de estimular as nossas consciências com perguntas, por inoportunas que sejam. E ao abrigo destas, não se pode dizer que as de Habermas, nesta sucinta antologia de textos, sejam confortáveis, pois demonstra a sua força para nos expor. Não haverá algo de ofensivo – escandaloso – nas diferenças que os políticos e os cidadãos das sociedades livres estabelecem na altura em que se trata de acolher imigrantes?

Chamou a atenção de meios de comunicação e de analistas, como a UE deu facilidades aos que fogem das bombas na Ucrânia, em contraste com a crise migratória de 2015, quando milhares de sírios, afegãos ou iraquianos surgiam nas praias e nos acampamentos às portas da Europa, a qual pretendia olhar para o outro lado. E o que dizer das quotas a classificar os que chegam, abrindo a fronteira aos mais qualificados?

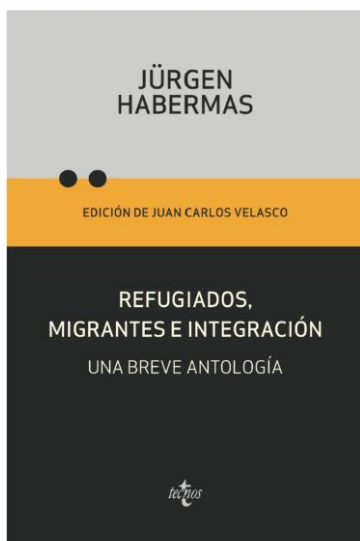
Habermas não é um pensador ingénuo e sabe que a capacidade de acolher de um país é limitada. Mas acha que algo vai mal quando a política migratória suscita tantas desvantagens comparativas e contorna a moral e o direito. Junto a outros intelectuais preocupados com as sequelas da globalização, o filósofo alemão situa ao mesmo nível os que buscam asilo por motivos políticos ou fuga a guerras civis, e os que tentam escapar à penúria económica. Exorta a reverter o “chauvinismo do bem-estar europeu” promovido por países ricos que querem impedir a entrada de imigrantes de países pobres.

Em todos os trabalhos selecionados – escritos na última década do século XX e na primeira do século XXI – há uma preocupação com o crescer da xenofobia e com a mensagem simplista do populismo nacionalista. As previsões de Habermas confirmaram-se com o surgir de partidos como o Alternativa para a Alemanha (AfD) e discursos que pressupõem uma disputa entre nacionais e imigrantes, apesar da falta de sustentação empírica. Mas além do aspeto económico, Habermas diz que tanto a cultura política como a vida ética nacionais se enriquecem com a chegada do outro, pois facilita um processo de aprendizagem recíproco e estimula o progresso cultural, moral e jurídico.

A tal ponto é assim, que a posição sobre o papel público positivo das crenças que Habermas defende há décadas, nasce das suas reflexões sobre as migrações e o pluralismo social que acarreta. Significa que os países recetores têm de renunciar aos seus valores? Sobre a integração, o filósofo da razão dialógica distingue entre a obrigatória aculturação cívica dos que chegam e o respeito pelo Estado de direito que se lhes exige, e a tolerância com formas de vida diferentes. Não tem de

se estar de acordo com a sua análise, mas convém não o esquecer, pois num contexto inclinado ao relativismo, Habermas é das poucas vozes públicas que defende uma razão comum a unir as sociedades, convertendo-o num pensador de referência.

J. C.



“Dear Evan Hansen”

“Dear Evan Hansen”

Realizador: Stephen Chbosky
Atores: Ben Platt, Julianne Moore
Duração: 126 min.
Ano: 2021

Este filme baseia-se num musical da Broadway e narra a história de um rapaz que sofre de ansiedade e de perturbações no relacionamento social. Comporta-se de modo estranho, pois prefere isolar-se, reprimindo a vontade de estar com os outros pelo medo de ser rejeitado. Custa-lhe aceitar-se como é, embora quando se dedica à música, é capaz de compor versos expressando com facilidade o que sente...

Um colega seu dos últimos anos do liceu, a quem nem conhecia bem, rouba-lhe uma carta pessoal e mais tarde suicida-se. Quando os pais encontram o corpo com essa carta no bolso,

pensam que esse texto fora escrito pelo filho e dirigido ao próprio Hansen, que surge como um amigo desse rapaz... Então, Evan Hansen não vai ter a coragem de explicar que a carta fora escrita por si... Isso vai dar origem a várias ações baseadas em mentiras sucessivas, cada vez mais amplificadas pelas redes sociais e o universo da Internet...

Hansen passa a ser admirado por todos e a ser visto como um amigo dedicado, ganhando a estima da família do rapaz e da irmã deste, com quem acaba até por começar a namorar... Tudo se complica quando se decide angariar dinheiro para fazer algo que perpetue a memória do defunto e ajudar a prevenir as doenças mentais. Alguns começam a desconfiar se não é tudo uma “golpada” criada por Hansen...

O final revela como a solução só surge quando se reconhece a verdade. Hansen encontra apoio onde menos espera... Desaparece o sonho de fantasia que alimentara, mas aparece uma realidade que o inspira a continuar de forma segura...

Tópicos de análise:

1. Os laços familiares são essenciais para a estabilidade emocional.
2. Viver baseado numa mentira, só faz aumentar os problemas reais.
3. A pessoa liberta-se quando expressa o que sente e se aceita como é.

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE

